

TRATAMENTO MEDICAMENTOSO EM PACIENTES COM ENXAQUECA CRÔNICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Maria Isabelly Brilhante de Aguiar¹; Ana Alicia Almeida Nunes¹, Catriel Rocha Cabral¹;
Luan Carlos Nunes Pinheiro¹; Liene Ribeiro de Lima²

¹Discente do Curso de Farmácia do Centro Universitário Católica de Quixadá;
E-mail: isabelly.brilhante@gmail.com

²Docente do curso de Enfermagem e Farmácia do Centro Universitário Católica de Quixadá; E-mail: lienelima@unicatolicaquixada.edu.br

A enxaqueca é uma síndrome conhecida há mais de 7000 anos, que provoca crises de cefaleias moderadas à severas, geralmente encontra-se associada à náuseas e vômitos, intolerância a luzes fortes, ruídos intensos e odores marcantes, com a frequência variando de paciente para paciente, onde alguns apresentam crises semanalmente e outros com crises uma vez por mês, acometendo principalmente mulheres do que homens, iniciando na infância ou adolescência. O objetivo desse trabalho é realizar uma revisão de literatura sobre os principais medicamentos utilizados por pacientes portadores de enxaqueca crônica e demonstrar a eficácia do tratamento correto. Consiste de uma revisão de literatura, com uma abordagem exploratória e descritiva. Foi realizada uma busca na base de dado Scielo, através do cruzamento dos seguintes descritores: Enxaqueca crônica; tratamento medicamentoso; analgésicos e anti-inflamatórios, com os seguintes critérios de inclusão: publicações entre 2009 a 2015, artigos completos de domínio público. Foram encontrados 10 artigos, mas somente 6 artigos atenderam aos critérios de inclusão. O tratamento inicia-se com a anamnese que é realizada por profissionais especializados nesta patologia, que diagnosticarão baseado no perfil psicológico, seus hábitos de vida, presença de fatores desencadeantes como a genética e a frequência, intensidade e duração das crises, para elaborar um tratamento medicamentoso adequado para cada paciente. Referida terapêutica se divide em: Profilático e agudo. O primeiro busca prevenir a dor, através de fármacos que visam reduzir a frequência, a gravidade e a duração da crise de enxaqueca, como também melhorar a resposta ao tratamento das crises e a capacidade funcional, reduzindo a incapacidade da realização de atividades cotidianas. A medida profilática é efetuada pelos antidepressivos tricíclicos (amitriptilina, nortriptilina), anticonvulsionantes (divalproato de sódio, gabapentina, topiramato), beta-bloqueadores (propranolol, nadolol, atenolol) e bloqueadores de canal de cálcio (verapamil, flunarizina), terapia hormonal e suplementação vitamínica, como a riboflavina. O tratamento agudo utilizado durante as crises, tem como finalidade proporcionar o alívio da dor o mais rápido possível, com mínimos efeitos adversos e recuperar a capacidade funcional do paciente. O tratamento utiliza-se de analgésicos não-opioides, que refere-se aos analgésicos não relacionados quimicamente à morfina, tendo como os mais usados, paracetamol, dipirona e ácido tolfenâmico, e os Antiinflamatórios Não Esteróides (AINES), onde os principais usados são o ácido acetilsalicílico, ácido mefenâmico, o cetoprofeno, o diclofenaco, o ibuprofeno, a indometacina e o naproxeno, de maneira isolada ou associada. Os pacientes devem compreender que o tratamento não consegue eliminar as crises, mas diminui a intensidade e frequência das mesmas. Conclui-se que devido poucos procurarem ajuda médica e de terem um conhecimento reduzido sobre o tratamento adequado para a enxaqueca crônica, a maioria dos enxaquecosos usa de forma errônea e abusiva os antiinflamatórios e analgésicos, podendo desencadear efeitos colaterais, interações

medicamentosas e a “cefaleia rebote”, que é a cefaleia causada por uso excessivo de medicações abortivas de crise.

Palavras-chave: Enxaqueca crônica. Tratamento Medicamentoso. AINEs.